

A MINERVA E A CORUJA

Não parece mais haver "reserva de mercado" na construção de novos conhecimentos. Ao contrário, cada vez mais novos territórios disciplinarmente demarcados vão diluindo suas especificidades e o que se espera obter são mais e mais perguntas do que respostas. A reflexão verdadeiramente instigante neste fim de século não tem a ver com possíveis respostas, mas com formulação de problemas.

Justamente pelas razões acima elencadas é que os saberes das Letras e das Artes parecem ser o horizonte do conhecimento possível para empreender o desafio de viver a Modernidade de maneira generosa e solidária.

O poeta Hölderlin exclamava, mais de um século atrás, do fundo de sua estupefação, que o homem quando sonha é um deus, quando pensa é um mendigo. Clamava, mais do que exclamava, pela urgência da tolerância e compreensão entre os homens, compreendendo, como os poetas costumam compreender, que a humanidade do homem é, acima de tudo, cuidado de si.

Vimos construindo, nós - ocidentais - nesses últimos duzentos anos, um processo civilizatório diverso de tudo o que se viu antes, diverso e descontinuo. Até o século XVIII, a interioridade, as figuras da consciência, os valores da intimidade do homem, reconhecidos ou não, eram as bases de toda *Paidea*. Educar, civilizar, conviver dependiam do cultivo da paisagem interior, do cuidado do mundo-dentro.

O corte da modernidade industrial, já antecipado na morte de Sócrates, fez com que os valores civilizatórios se voltassem para a exterioridade, para o mundo objetivo das coisas, cindindo, quase irremediavelmente, os territórios do SER e do TER.

Foi então que muitos de nós reconhecemos o mundo como um estrangeiro estranha a terra incógnita.

A sociedade ocidental moderna não consegue sequer saber se é uma sociedade, não se reconhece mais no outro, parece ter perdido a qualidade da "vizinhança".

No entanto, freqüentemente nos esquecemos de que todo fim é começo e que todo apogeu já é decadência. Já se podem reconhecer no horizonte vital dessa modernidade mais recente os ecos de uma possível *metamorfose*, como nos alerta Manuel Antonio de Castro.

Essa *nova Paidea* poderá significar um retorno ao SER, por absoluto esgotamento do TER, poderá significar uma revalorização da vida com o pensamento, um mergulho na subjetividade não mais construída solitariamente, pelo desespero e pelo abandono, mas pelas convivências partilhadas entre sujeitos generosos e plenos de compaixão.

Por acreditar nessa utopia sem partidos, o **Centro de Letras e Artes da UFRJ**, com a publicação da Revista *Interfaces*, abre caminho para aqueles que acreditam na reconstrução do homem pela via da sensibilidade, da fraternidade e, sobretudo, da esperança.

CARLOS SEPÚLVEDA

Professor - adjunto de Literatura Brasileira

Vice-Decano do CLA

Assessor da Reitoria